



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 7, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 7 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Editores responsáveis: Veleida Anani da Silva - Bernard Charlôt

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.07.52>

Recebido em: 17/07/2020

Aprovado em: 19/07/2020

REFLEXÕES LITERÁRIAS: AS FUNÇÕES DA LITERATURA E REGISTROS DE
MEMÓRIAS EM CONTEXTOS HISTÓRICO-CULTURAIS NO BRASIL; LITERARY
REFLECTIONS: LITERATURE FUNCTIONS AND MEMORY RECORDS IN
HISTORICAL-CULTURAL CONTEXTS IN BRAZIL ; REFLEXIONES LITERARIAS:
FUNCIONES DE LITERATURA Y REGISTROS DE MEMORIA EN CONTEXTOS
HISTÓRICO-CULTURALES EN BRASIL

VALDICIO ALMEIDA DE OLIVEIRA

<https://orcid.org/0000-0003-4811-814X>

ANDREZA SOARES DE SANTANA

<https://orcid.org/0000-0003-0093-4076>

VANESSA SOARES DE SANTANA

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-6574-9352](https://ORCID.ORG/0000-0001-6574-9352)

Resumo

Este artigo abordou questões relacionadas a teoria da literatura e teve como objetivo refletir sobre a contribuição literária no processo de práticas sociais e com representações voltadas à organização de memórias e dos valores culturais. Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa bibliográfica baseada em Bergson (1990), Bosi (1994), Candido (2006), Halbwachs (1990), Nora (1993), Sarlo (2007) e Sartre (1999). Em suma, chegou-se a estas conclusões: as obras literárias precisam representar realisticamente a sociedade, o homem e suas ações; com interações, no presente, as memórias recuperam o passado; e escritores como Zélia Gattai, Ana Maria Machado, Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade contribuíram com a literatura brasileira ao produzirem, também, obras memorialísticas.

Palavras-chave: Literatura. Memória. Obras memorialísticas.

Abstract

This article addressed issues related to the theory of literature and aimed to reflect on the literary contribution in the process of social practices and with representations focused on the organization of memories and cultural values. Methodologically, it was a bibliographic research based on Bergson (1990), Bosi (1994), Candido (2006), Halbwachs (1990), Nora (1993), Sarlo (2007) and Sartre (1999). In short, this was concluded: literary works must realistically represent society, man and his actions; with interactions, in the present, memories recover the past; and authors such as Zélia Gattai, Ana Maria Machado, Graciliano Ramos and Carlos Drummond de Andrade contributed to Brazilian literature by producing, also, memorialistic works.

Keywords: Literature. Memory. Memorial Works.

Resumen

Este artículo abordó cuestiones relacionadas con la teoría de la literatura y tuvo como objetivo reflexionar sobre la contribución literaria en el proceso de prácticas sociales y con representaciones dirigidas a la organización de recuerdos y valores culturales. Metodológicamente, fue una investigación bibliográfica basada en Bergson (1990), Bosi (1994), Candido (2006), Halbwachs (1990), Nora (1993), Sarlo (2007) y Sartre (1999). En resumen, esto se concluyó: las obras literarias deben representar de manera realista a la sociedad, el hombre y sus acciones; con interacciones, en el presente, los recuerdos recuperan el pasado; y autores como Zélia Gattai, Ana Maria Machado, Graciliano Ramos y Carlos Drummond de Andrade contribuyeron a la literatura brasileña al producir también obras conmemorativas.

Palabras clave: Literatura. Memoria. Obras conmemorativas.

1. INTRODUÇÃO

Por meio das linguagens, a literatura (re)escreve histórias, (re)utiliza memórias e (re)constrói aspectos culturais. Para a produção de obras literárias, os aspectos temporal e espacial se tornam referências porque a *persona* está inserida num contexto social e coletivo em que as percepções globais são firmadas.

Salienta-se que, há séculos, a literatura acompanha a evolução da humanidade, e, conforme as ideias de Cândido (2006), estas são as funções que ela possui: psicológica, própria da imaginação (ficção) e que satisfaz à fantasia (uma necessidade universal do ser humano); formadora ou educacional, pois ainda que seja ficção, a literatura ensina algo, pedagogicamente, de forma livre sobre os fatos reais; de conhecimento sobre a realidade, pode ser libertadora ou alienadora, isto é, demonstra a sofisticação máxima de uma cultura ou instrumentaliza ideologias e dominações; e, acima de tudo, humanizadora, já que ela faz viver, pois é a expressão de humanidade dos indivíduos e das civilizações.

Com o passar do tempo, as palavras – combustível dos autores – registram reminiscências e, consequentemente, as relações de lembranças e narrações causam possibilidades para conectar memória e literatura. Destaca-se a variedade no cânone literário brasileiro: obras que recordam fatos históricos com denúncias para os impasses sociais; textos que denotam questões referentes ao autoritarismo e preconceito; autobiografias cujas confissões relatam problemas que afetaram a vida do autor e da sociedade; livros que narram fantasias e descobertas da vida cotidiana, entre outros.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, de acordo com Boccato (2006, p. 266), “busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas”. Inicialmente, serão apresentadas ponderações acerca da relação entre a literatura e a sociedade, com base em diferentes obras de Candido e Sartre (1999); posteriormente, os argumentos evidenciados sobre memória têm fundamentação principalmente em Bergson (1990), Halbwachs (1990), Bosi (1994), Nora (1993) e Sarlo (2007); e por fim, verifica-se relatos memorialísticos nas obras *Anarquistas, graças a Deus*, *Rio Vermelho*, *Infância*, *Bisa Bia Bisa Bel* e *Boitempo*. Para Boccato (2006, p. 266), a pesquisa bibliográfica “trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica”.

Este trabalho tem como objetivo geral refletir sobre a contribuição literária no processo de práticas sociais e com representações voltadas à organização de memórias e dos valores culturais. No que diz respeito aos objetivos específicos, têm-se: considerar a lidimidade das funções da literatura na formação humana; referenciar a memória como aspecto relevante na construção de narrativas; e investigar, em obras brasileiras, personagens com relações (socio)memorialísticas.

2. LITERATURA: FUNÇÕES, MEMÓRIA E RECORTES MNEMÔNICOS EM CONTEXTOS HISTÓRICO-CULTURAIS NO BRASIL

2.1 Literatura: um direito que, socialmente, humaniza indivíduos leitores

Consoante as ideias de Candido (2004), a literatura se refere a criações poéticas, ficcionais ou dramáticas em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura; trata-se de tópicos que apresentam ideias ligadas a folclore, lenda, chiste; ou até mesmo das formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Posto isso, é válido destacar que ela tem valor e

intenções para os leitores que podem despertar emoções, sensações e revoltas.

Pode-se pensar, também, que a literatura é resultado de momentos históricos e, por esse motivo, os autores – nos diferentes períodos – apresentam as verossimilhanças dos contextos e representam nas produções o papel humanizador. Ao ler, os indivíduos leitores estabelecem ligação com a leitura e a realidade deles. Dessa forma, defende-se a literatura como um direito basilar social em virtude de a ficção influenciar na formação dos sujeitos e, inclusive, atuar na construção do caráter.

Nessa perspectiva, a literatura se torna um direito pelo fato de ela aparecer como manifestação universal dos indivíduos em diferentes tempos ou por fazer com que os povos entrem em contato com alguma espécie de fabulação. Assim sendo, ela propicia influências expressivas na formação humana. Para Candido (2004),

a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 2004, p. 177).

Explicitamente, o autor a defende como uma necessidade universal, e por ter sido durante anos uma forma de denúncia da opressão social, torna-se um direito humano. Não deve pertencer somente à minoria o direito à literatura, mas abranger diferentes níveis culturais e sociais.

A função psicológica representa uma proficuidade humana, isto é, o homem – independentemente de fatores sociais, culturais ou étnicos – utiliza a ficção e a fantasia de diversas formas. Nesse contexto, o mundo interior presente nos textos literários faz o leitor refletir sobre comportamentos humanos e, então, revela estímulos, vontades e (in)certezas das personagens.

A função formadora, diz respeito ao fato de a literatura ter um caráter formativo e educativo, com base originária na realidade e ações (in)conscientes. Isso, certamente, oferece integração e transformação sociais. Na conjuntura da função educacional, Candido (1972) afirma que

As camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa e espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. (CANDIDO, 1972, p. 805)

Aqui, pode-se entender que o auxílio das artes literárias na construção de saberes, pois amplamente elas revelam muitas percepções do mundo por meio da cultura, da ficção e, até mesmo, da expressão de emoções e sentimentos. Indubitavelmente, isso se volta para a função social da literatura que se remete ao resultado da relação entre o mundo ficcional e o mundo real do leitor.

É fundamental evidenciar que a linguagem artística da literatura também serve para que haja uma ordenação estética na imaginação e, por conseguinte, para que fluam envolvimento dramáticos e,

dessa forma, causem satisfação aos leitores. Candido (2008), por exemplo, entende que a criação literária cumpre com algumas necessidades de representação do mundo e, em determinadas circunstâncias, corresponde como prólogo a uma práxis socialmente condicionada em que obra, leitor e autor representam a realidade. Para ele, a literatura

é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2008, p. 84).

Portanto, nesse processo de representação e atuação, a literatura se torna interessante e multifacetada; por meio dela, pois, surgem diálogos com outras áreas de conhecimento, como história, sociologia, filosofia etc. Assim, com esses plexos, os leitores: assimilam temas históricos, filosóficos, sociológicos e culturais; aprimoram o desenvolvimento da imaginação; e potencializam o pensamento crítico. Com isso, enfatiza-se a função humanizadora da Arte das palavras. Quanto à humanização, ele a entende como

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 182).

Humanamente, a literatura desenvolve os indivíduos de tal modo que os torna mais compreensivos e expostos ao social. Em outras palavras, a arte literária traz humanização para os sujeitos porque favorece a compreensão deles enquanto seres históricos e que necessitam ser agentes progressivos em tal processo de sociabilidade.

Em consonância com os pensamentos de Sartre (1999), a literatura precisa retratar uma imagem da sociedade que vai além da descrição de indivíduos alienados. Ela, pois, tem como função ética ser, de forma esclarecedora, um meio mediador para que os homens estejam conscientes da condição de si próprios como existentes, da realidade e da liberdade para fazerem escolhas.

Decerto, para que a literatura continue existindo e tenha mais sentido, é imprescindível haver uma relação entre as artes literárias e a sociedade, ou seja, uma conexão autor-leitor. Em função disso, a representação das formas e conteúdos literários, livremente, precisam explicitar realidades sociais na escrita. Sartre (1999) afirma que

Escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor. E recorrer à consciência de outro para se fazer reconhecer como essencial à totalidade do ser; é querer viver essa essencialidade por pessoas interpostas; mas como, de outro lado, o mundo real só se revela na ação, como ninguém pode sentir-se nele senão superando-o para transformá-lo, o universo do romancista careceria de

espessura se não fosse descoberto num movimento para transcendê-lo (SARTRE, 1999, p. 49).

Socialmente, a ligação do autor ao leitor e à liberdade exige mais engajamento visto que, por vezes, os indivíduos sofrem opressões e explorações. Por isso, uma das finalidades da literatura é a liberdade e tal objetivo ainda está distante da plenitude na sociedade. Conquanto a literatura seja – em certa medida – uma utopia para o autor em questão, reitera-se a ideia de papel humanizador dessa arte.

2.2 Literatura e organização de memórias

Classicamente, a memória é condecorada. Sabe-se que, na mitologia grega, a Mnemósine (deusa da memória) detinha como poder o resgate das lembranças e, assim, evitava que o homem se esquecesse. Na atualidade, ao se pensar sobre a organização de memórias na literatura, é possível perceber nexos em facetas como: (auto)biografias, poesias épicas, romance de memória, algumas crônicas etc. Halbwachs (1990) sustenta a ideia de que

nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. E porque, em realidade, nunca estamos sós. (HALBWACHS, 1990, p. 16)

Portanto, com situações interacionistas, (res)surge comportamentos que contemplam rememorações. De acordo com Nora (1993), as emoções de vivências dão vida aos lugares de memória; por isso, fotografa-se, criam-se arquivos, comemoram-se aniversários, organizam-se celebrações. Esses feitos do dia a dia são fundamentais para que as lembranças do passado não sejam esquecidas e preserve – também – o presente. Ressalta-se que, para o autor, a memória:

[...] se apoia inteiramente sobre o que há de mais preciso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem. [...] Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. (NORA, 1993, p. 14)

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que as lembranças idealizam ocorrências passadas para o presente, isto é, as recordações guardam (ocultamente) registros e fatos passados. Logo, por meio dessas memórias, as gerações vindouras poderão ter conhecimento sobre o que os antecessores pensavam, sentiam, escreviam. Ressalta-se que, para Nora (1993),

A memória é a vida, assumida sempre por grupos vivos e, neste aspecto, ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas sucessivas deformações, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e de revitalizações repentinas. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um vínculo vivido no presente eterno, enquanto a história é uma representação do passado. Por

ser afetiva e pré-lógica, a memória adapta-se apenas a detalhes que a fortaleçam; ela alimenta-se de lembranças imprecisas, emaranhadas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, anteparos, censuras ou projeções. (NORA, 1993, p. 19)

Ao compreender que a memória está vinculada ao presente (com vivências pretéritas), evidencia-se que ela evolui constantemente e está conectada às recordações e às deslembanças; por esse motivo, pode sofrer alterações. Muitas vezes, ao revisitar um passado, é normal encontrar detalhes (im)precisos dos acontecimentos. Nesse sentido, para produções literárias, pressupõe-se que a heterogeneidade dos momentos, fatos e/ou criações tenha como resultado as construções textuais anacrônicas (característica peculiar de narrativas memorialísticas).

Para Sarlo (2007), que fez uma análise das reconstituições da memória usando matéria proveniente de vítimas (como também dos familiares delas) das ditaduras do Cone Sul, particularmente a que ocorreu na Argentina,

o anacronismo nunca poderia ser totalmente eliminado, e só uma visão dominada pela generalização abstrata seria capaz de conseguir aplinar as texturas temporais que não apenas armam o discurso da memória e da história, como também mostram de que substância são tecidos os ‘fatos’. (SARLO, 2007, p. 59)

Dessa forma, pode-se entender que a memória é um bem comum, um elemento humano e, inclusive, uma inevitabilidade de cunho moral e político. Conforme esse ponto de vista, afirma-se que as remontagens são mais bem compreendidas a partir de um determinado tempo ao ser observadas sob o foco da racionalização, pois, assim, prepararam-se os discursos desvelando as matérias das situações acontecidas.

Consoante Bergson (1990), pragmaticamente, expande-se o passado no presente por meio do uso das vivências passadas para as ações presentes. Isso será desempenhado de dois modos que serão explicitados a seguir:

a operação prática, e consequentemente ordinária da memória, a utilização da experiência passada para a ação presente, o reconhecimento enfim, deve realizar de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará um trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigi-las ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual. (BERGSON, 1990, p. 59-60)

Essas ações acontecem porque, segundo o autor, “mecanismos motores” e “lembranças independentes” são responsáveis pela sobrevivência do passado, ou seja, lembranças e recordações são os artifícios que alternam o passado e o presente bem como recapitulam os momentos vivenciados. No tocante à essa compreensão, Halbwachs (1990) salienta que

Para Bergson, o passado permanece inteiramente dentro de nossa memória, tal como foi para nós; porém alguns obstáculos, em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes. Em todo caso, as imagens dos acontecimentos passados estão

completas em nosso espírito (na parte inconsciente de nosso espírito) como páginas impressas nos livros que poderíamos abrir, ainda que não os abríssimos mais. Para nós, ao contrário, não subsistem, em alguma galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nós representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória. (HALBWACHS, 1990, p. 52-53)

É importante considerar outro elemento: em conformidade com Bergson (1990), há diferença entre lembrança (pura), lembrança-imagem e percepção. A pura conserva as lembranças e guarda os registros pelo envolvimento e valorização e, por conseguinte, fornece imagens a fim de que a repetição contínua (reprodução de gestos e repetições de funções) configure a automatização das ocorrências. Destaca-se que elas não são produzidas de forma isolada. Bergson (1990) declara:

A percepção não consiste apenas em impressões recolhidas ou mesmo elaboradas pelo espírito. Quando muito, isso ocorre com as percepções que se dissipam tão logo recebidas, aquelas que espalhamos em ações úteis. Mas toda percepção atenta supõe de fato, no sentido etimológico da palavra, uma reflexão, ou seja, a projeção exterior de uma imagem ativamente criada, idêntica ou semelhante ao objeto, e que vem moldar-se em seus contornos. (BERGSON, 1990, p. 81)

Como há qualidades intrínsecas entre memória e percepção, compreende-se a intercalação do passado no presente ao condensar os momentos variados; contudo, deve-se considerar perspectivas racionalizadas e que, paradoxalmente, não dispensam valores criados pela subjetividade das lembranças. Bergson (1990) esclarece que a percepção não é um contato simplista do espírito com o objeto pelo fato de ela estar infundida nas lembranças-imagens que a completa. Teoricamente, do passado, capta-se isto: a lembrança-imagem participa da lembrança (pura) – materializada por ela no início – e da percepção “nascente”.

De forma complementar, torna-se proveitoso distinguir “lembrança espontânea” de “lembrança aprendida”. Na concepção de Bergson (1990),

A lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data. Ao contrário, a lembrança aprendida sairá do tempo à medida que a lição for melhor sabida; tornar-se-á cada vez mais impessoal, cada vez mais estranha à nossa vida passada. (BERGSON, 1990 p. 64)

Em outras palavras: para Bergson (1990), a “lembrança espontânea” – aparentemente – é, com efeito, a memória por excelência. Entretanto, a “lembrança aprendida” se refere àquela que é objeto de estudo dos psicólogos; por consequência, entendida como o hábito esclarecido pela memória (e não a memória propriamente dita).

Bosi (1994) corrobora com tais ideias ao mencionar como cerne de debates sobre tempo e memória a obra de Bergson. Isso, portanto, fez com que a psicologia social reconsiderasse ponderações acerca das relações existentes entre lembranças, percepções, consciências e ideologias. Nesse sentido, ela frisa:

O universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das ideias. Todo esforço científico e especulativo de Bergson está centrado no princípio da diferença: de um lado, o par percepção-ideia, par nascido no coração de um presente corporal contínuo; de outro, o fenômeno da lembrança, cujo aparecimento é descrito e explicado por outros meios (BOSI, 1994, p. 46)

Histórica e culturalmente, a obra *O tempo vivo da memória*, de Ecléa Bosi cita outro pressuposto significativo. Ao apresentar reflexões acerca de histórias que são construídas – no dia a dia – ao longo da vida, faz-se esta observação: a memória de muitos indivíduos pode ser equiparada a um intermediador entre o presente e o passado pelo fato de apresentar às novas gerações aspectos culturais que não são evidenciados em escolas.

Os velhos, as mulheres, os negros, os trabalhadores manuais, camadas da população excluídas da história ensinada na escola, tomam a palavra. A história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios. (BOSI, 2003, p. 15)

Dessa forma, o compartilhamento desses saberes e valores testemunha a dimensão de eventos pregressos e que – referencialmente – marcam conexão com o presente e, muitas vezes, criam expectativas para o futuro. À vista disso, vários humanos preservam o passado, projetam no presente experiências anteriores, e – contínua e incansavelmente – esforçam-se para manter os aspectos culturais e princípios morais imorredouros.

2.3 A utilização de (relatos de) memórias numa perspectiva histórico-cultural na Literatura Brasileira

As memórias literárias – produções em que autores dominam a arte da escrita e, por meio de suas recordações, revivem histórias – exigem recuperação de experiências de vida que serão contadas com o uso de uma linguagem de autoridade e com possíveis inventividades. Subsequentemente, serão mencionados exemplos de obras no âmbito nacional.

No livro *Anarquistas, graças a Deus*, Zélia Gattai combina caráter documental, memórias afetivas e políticas. Na faceta memorialista, a autora revela cuidadosamente as lembranças de sua infância e adolescência na cidade de São Paulo. Além disso, conforme estes trechos, expõe relatos de violências ocorridas naquela época.

Seria exatamente com nosso vizinho, Luiz Apolônio, que iria defrontar-se, alguns anos mais tarde, na implantação do Estado Novo, em 1937, no cárcere, preso pela polícia política, acusado de “comunista perigoso”. Na época do Estado Novo, bastava uma denúncia ou simples suspeita para que uma família fosse cercada pelo enorme aparato bélico, policiais apontando metralhadoras, os lares invadidos – a qualquer hora do dia ou da noite – por policiais armados, pais de família arrancados de seus leitos e arrastados para as masmorras, para o porão úmido e escuro da Delegacia da Ordem Política e Social, incomunicável. (GATTAI, 1998, p. 241)

[...] Seria possível, uma coisa daquelas? Tinham sido convocados, então, para assistir ao espancamento do homem? Não houve explicações. Para quê? Estava claro: os novatos deviam aprender como se comportar, quem não andasse na linha, não obedecesse cegamente ao capataz, receberia a mesma recompensa que o negro ia receber. Um exemplo para não ser esquecido.

O negro amarrado, suando, esperava a punição que não devia tardar; todos o fitavam, calados.

De repente, o capataz levantou o braço, a larga tira de couro no ar, pronta para o castigo. Então era aquilo mesmo? Revoltado, cego de indignação, o jovem colono Eugênio Da Col não resistiu; não seria ele quem presenciaria impassível ato tão covarde e selvagem. (GATTAI, 1998, p. 162)

Outro título de memórias escrito por Zélia Gattai é *A casa do Rio Vermelho* no qual há narrações sobre sua vida – que se adicionam às vivências com as do marido Jorge Amado e outros artistas – e registros de acontecimentos e emoções, como mostra este fragmento:

Sem ter uma única anotação, apenas a memória trabalhando, voltei ao passado, voltei a ser criança no convívio de meus pais e de meus irmãos, recuperei amigos perdidos na distância do tempo e, sobretudo, descobri minha mãe. Dona Angelina era uma pessoa formidável e eu não lhe dera o devido valor. Seu Ernesto, meu pai, era bem como o julgara: inteligente, humano, homem bom.

Nas minhas lembranças cheguei mesmo a sentir o perfume do talco de heliotrópio que mamãe usava na gente. (GATTAI, 1999, p. 186)

Com os fragmentos supracitados, infere-se que a escritora – por meio das recordações – relata para os leitores histórias políticas, denúncias de agressividades contra outrem, vivências inocentes de sua infância, e o entendimento da (re)descoberta identitária dos pais.

O livro *Infância* é uma autobiografia de Graciliano Ramos na qual são apresentados elementos do crescimento dele até a puberdade (a título de exemplo, relações com o universo sertanejo e os anos iniciais na escola). Destaca-se que, conquanto o narrador da obra seja adulto, surgem as lembranças dos acontecimentos passados entre ele e os familiares. Isso, indubitavelmente, revela tom memorialístico, conforme denota este trecho:

[...] As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. Certamente já me haviam feito representar esse papel, mas ninguém me dera a entender que se tratava de julgamento. Batiam-me porque podiam bater-me, e isto era natural. (RAMOS, 1995, p. 29)

Nesse registro mnemônico, nota-se relatos das experiências do autor que testemunham opressão, pois há humilhação na infância da personagem (o trecho mostra o quão a criança é fraca diante dos adultos). Porém, possibilita que ele descreva tal situação subjetivamente. Candido (2006) destaca que

Graciliano Ramos, porém, extravasou os limites do gênero e, cada vez mais preocupado pelas situações humanas, substituiu-se ele próprio aos personagens e resolveu, decididamente, elaborar-se como tal em *Infância*, aproveitando os aspectos facilmente romanceáveis que há nos arcanos da memória infantil. (CANDIDO, 2006b, p. 93)

Quiçá, essa reflexão seja proposta pelo fato de a linguagem poética usada por Graciliano, nesse texto autobiográfico, fantasiar as realidades e, em certa medida, transmutar o passado da personagem. Assim, pois, traz características de uma obra ficcional, também.

Na literatura infanto-juvenil, o romance *Bisa Bia, bisa Bel* escrito por Ana Maria Machado exemplifica memórias retomadas ao contar a história da protagonista Isabel que descobre uma fotografia da bisavó e, a partir daí, surge o desenrolar da narrativa já que uma simples foto cria na personagem existência, voz e memória. Os trechos seguintes denotam recordações, pois há recorrências à imaginação e a objetos antigos:

Dentro do quarto de minha mãe tinha um armário, dentro do armário tinha uma gaveta, dentro da gaveta tinha uma caixa, dentro da caixa tinha um envelope, dentro do envelope tinha um monte de retratos, dentro de um retrato tinha uma Bisa Bia. (MACHADO, 1990, p. 7).

Quando eu já ia saindo aos pinotes com o retrato na mão, ela ainda

recomendou:

– Mas muito cuidado, hein? Não suje o retrato, não amasse. E,

principalmente, veja se não larga por aí à toa... É a única foto de sua

bisavó quando era pequena (MACHADO, 1990, p. 12).

Dona Sonia, ela contou que, quando era moça, uma vez apareceu uma mania de colecionar cartões postais, toda família tinha esses cartões, arrumados de um jeito especial para mostrar às visitas em cima dos móveis, numa espécie de vitrine própria. E tinham coleções de leques, de enfeites, de muitas coisas (MACHADO, 1990, p. 22).

[...] Porque nesse tal dia, ela foi até o armário, tirou um álbum cheio de fotografias sépias, e mais outros retratos montados em molduras ovais de cartão em relevo (foi ela quem me explicou que era assim que se chamava o tal papel inchadinho) e ficamos um tempão vendo as fotos (MACHADO, 1990, p. 33).

Certamente, as citações acima mostram que imagens e recordações da mãe se tornam essenciais para os relatos de memória da protagonista, pois – fantasiosamente – ela traz à tona lembranças passadas nas quais se buscava a bisavó. Inclusive, é nesse convívio cheio de fantasias com a bisa que Isabel (uma menina futurista que fala sobre transformações vindouras para a vida das mulheres) aprende a conviver consigo mesma.

É possível também acrescentar como exemplos alguns poemas da obra *Boitempo* de Carlos

Drummond de Andrade. Este é *Contador*:

As histórias que ele conta aos filhos
Bicho Folhais
Macaco Garcias
Cafas Medonho
e volta a contar aos netos
onça que comeu homem
Pedro bicudo que engoliu a dentadura
cachorro que carregava defunto
Saci-Pererê de São José do Calçado
peras da miséria
capado de João Carrinho
papagaio de cu cosido
são os fatos positivos
a vida real e quente
que a gente vê apalpa assimila
ante a irreabilidade de tudo mais.
(ANDRADE, 1974, p. 87).

Depreende-se do texto que as memórias são retomadas com as histórias contadas pelo avô – em linguagem coloquial – e que são passadas de geração em geração. Destaca-se que a estrutura do poema apresenta momentos distintos vividos pelo eu poético do presente: os seis versos sem espaçamento simbolizam a imagem do narrador (o avô) que conta as histórias para as crianças; secundariamente, os demais versos (com espaçamento) fazem referências às crendices.

Outro poema de Carlos Drummond de Andrade que traz relatos de memória é *Conversa*:

Há sempre uma fazenda na conversa
bois pastando na sala de visitas
divisas disputadas, cercas a fazer
porcos a cevar
a bateção dos pastos

a pisadura da égua
de testa – e vejo o céu – testa estrelada

Há sempre
uma família na conversa.

A família é toda a história: primos
desde os primeiros degredados
filhos de Eva
até Quinquim Sô Lu Janjão Tatau
Nonô Tavinho Ziza Zito
e tios, tios-avós, de tão barbado-brancos
tão seculares, que são árvores.

Seus passos arrastam folhas. Ninhos
na moita do bigode. Aqui presentes
avós há muito falecidos. Mas falecem
deveras os avós?

Alguém deste clã é bobo de morrer?
A conversa o restaura e faz eterno

Há sempre uma fazenda, uma família
entreliçadas na conversa:

a mula & o muladeiro
o casamento, o cocho, a herança, o dote, a aguada
o poder, o brasão, o vasto isolamento
da terra, dos parentes sobre a terra.

(ANDRADE, 1974, p. 108)

Por meio da memória, o poeta reconstituiu a conversa do passado, reinventando-a liricamente. Nesse poema, percebe-se uma voz acriançada que reverbera uma voz amadurecida. Assim sendo, apesar de os avós não existirem mais, são transportados para o presente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as leituras referenciais para o assunto em pleito e as análises feitas inicialmente, observou-se que as obras literárias resultam de informações de práticas do dia a dia em que as personagens representam histórias (em alguns casos, também memórias) dentro de espaço(s) e em decorrência da representação de períodos. Nesse sentido, socialmente, nota-se contribuição da História visto que os fatos, verossimilhanças ou situações hipotéticas estão diretamente ligados a questões sociais, culturais, políticas, religiosas. Isso, portanto, traz para os leitores marcas que podem ser compartilhadas em diferentes gerações e, por conseguinte, causam a imortalidade das memórias por meio da Arte das palavras.

Ao ter como base, especialmente, a função social da literatura, reconheceu-se que os escritores devem representar em suas obras a sociedade, o homem e as ações levando-se em conta a realidade. Ademais, as manifestações artístico-literárias devem suscitar estas reações no leitor: criticidade, emoção e ascensão de conhecimento de mundo. Dessarte, o direito à literatura trará benefícios para a sociedade. É válido destacar como exemplo da importância desse direito a proposta feita pelo Conselho Nacional de Justiça – na recomendação 44/2013 – que apresenta projetos específicos para redução de pena por meio da leitura de livros.

No que diz respeito às exposições sobre memória, foi possível compreendê-la como um conjunto de lembranças e imagens de indivíduos que estão incluídos coletivamente numa comunidade; por esse motivo, recupera-se o passado com interações sociais no presente. Indubitavelmente, os teóricos referenciados no desenvolvimento do trabalho colaboraram para que, em campos diferentes, ideias rompessem com os distanciamentos (entre literatura e memória). Nos dias hodiernos, é de suma importância relacionar ações do agora com vivências que já ocorreram, escrever as histórias e publicá-las com o propósito de manter a durabilidade das memórias, compartilhar sapiências ou denunciar violências.

Verificou-se, em contextos histórico, político e memorialístico, que os romances citados de Zélia Gattai revelaram questões relacionadas à militância, à infância e à imigração. Concernentemente à obra de Ana Maria Machado, constatou-se que muitos pensamentos e sentimentos foram recordados para assinalar a continuação e supervivência do passado. Em se tratando da menção a Graciliano Ramos, ficou íncrito que ele explorou fontes das lembranças infantis e mostrou que não conseguiu libertar-se inteiramente de domínios pessimistas; conseqüentemente, renovou-se com a utilização da memória escrita na qual apresentou confidências. No tocante aos textos de Carlos Drummond de Andrade, notou-se que, isocronamente, as recordações acolhiam eventos coletivos compartilhados com a família.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. de. **Boitempo II – Menino antigo**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- BERGSON, Henri. 1990. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.
- _____. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006a.
- _____. **Ficção e Confissão**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006b.
- _____. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e Cultura**. São Paulo, Vol. 4, n. 9, PP 803-809, set/1972.
- GATTAI, Zélia. **Anarquistas, Graças a Deus**. 27º ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- _____. **A casa do Rio Vermelho**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo, dez 1993. In: _____. **Les lieux de mémoire**. I La République, Paris, Gallimard, 1984. pp. XVIII-XLII.
- RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record; Atalaya. Mestres da Literatura Contemporânea, 1995.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** São Paulo: Ática, 1999.

* Especialista em Estudos Linguísticos e Literários (UCAM) e graduado em Letras Português-Inglês (UFS). E-mail: valdiciosds@hotmail.com

** Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (FACJARDINS), Educação Especial e Inclusiva (FAVENI) e graduada em Letras Português-Inglês (UFS). E-mail: levitaandreza@yahoo.com.br

*** Especialista em Educação Especial e Inclusiva (FAVENI) e graduada em Pedagogia (UNINASSAU). E-mail: vanessa.soares24@yahoo.com.br